
CONTRA O DESPÉRDÍCIO DA EXPERIÊNCIA

– a pedagogia do conflito revisitada

Maria Clara da Gama Cabral Coutinho

FREITAS, Ana Lucia S.; MORAES, Salete C. (Orgs.). *Contra o desperdício da experiência – A pedagogia do conflito revisitada*. Porto Alegre: Redes Editora, 2009. 183 p.

A obra do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos é bastante vasta, mas foi em 1996 que ele publicou seu único artigo em que trata especificamente da educação: “Para uma Pedagogia do Conflito”.

O livro agora lançado, treze anos após a publicação do artigo original, é um convite a revisitar o tema. Nos seis artigos, além do posfácio, os autores convidados reinventam as ideias do autor e a ela acrescentam suas interpretações, experiências e vivências acadêmicas e pedagógicas.

Contra o desperdício da experiência, neste livro nenhuma experiência é desperdiçada. Cada autor, seguindo o chamado de Sousa Santos, sai desse tempo paradoxal que estamos vivendo, onde as mudanças são intensas, mas que socialmente nos cria a “sensação de estarmos vertiginosamente parados” e ousa buscar alternativas. Neste tempo de *transição paradigmática* marcado por *perguntas fortes e respostas fracas*, o livro pode ampliar a reflexão de professores e pesquisadores em torno de experiências cotidianas que possam vir a constituir projetos educativos emancipatórios.

O texto base de Sousa Santos situa o nosso tempo simultaneamente entre o conflito e a repetição. E, segundo ele próprio, “*a ideia da repetição é o que permite ao presente alastrar ao passado e ao futuro, canibalizando-os*”. A questão que nos é colocada hoje é se o presente se repetirá para sempre, justamente este presente cruel que “*é a repetição da fome e da miséria para uma parte cada vez mais importante da população mundial*”.

Na luta contra a banalização do sofrimento humano, devemos nos reanimar a partir das imagens desestabilizadoras do conflito e do sofrimento para “*recuperar a nossa capacidade de espanto e de indignação e de, através dela, recuperar o nosso inconformismo e a nossa rebeldia*”.



Santos propõe, assim, uma educação para o inconformismo, uma educação transformadora, capaz de converter o conhecimento em senso comum e apresenta os três conflitos de conhecimentos que, segundo ele, devem guiar o processo educativo: “*A aplicação técnica e a aplicação edificante da ciência*”, “*conhecimento-como-regulação e conhecimento-como-emancipação*” e “*imperialismo cultural e multiculturalismo*”.

O sociólogo português encerra seu artigo e a ideia de seu “*projeto pedagógico conflitual e emancipatório*” defendendo a possibilidade de se “*aprender um novo tipo de relacionamento entre saberes e, portanto, entre pessoas e entre grupos sociais. Um relacionamento mais igualitário, mais justo que nos faça aprender o mundo de modo edificante, emancipatório e multicultural. Será este o critério último da boa e da má aprendizagem*”.

A partir dessa proposta “desestabilizadora” de Boaventura de Sousa Santos, os autores repensam as questões levantadas no artigo, como faz Ana Lucia de Souza Freitas, quando escreve “Um ensaio sobre a cegueira e o conhecimento”.

O cenário criado por José Saramago em seu romance *Um ensaio sobre a cegueira* já é, por si só, uma *imagem desestabilizadora*. E a autora do artigo se aproveita da metáfora da cegueira utilizada por Saramago para trabalhar os conceitos da ciência da modernidade, na qual o *conhecimento-regulação* se sobrepôs às possibilidades do *conhecimento-emancipação*, revelando *um outro modo de olhar*, que seja capaz de criar novas relações com o conhecimento.

Relendo o romance com seus leitores, a autora problematiza conceitos usados por Santos e personificados por Saramago. Na “cotidianidade da nova experiência” criada no romance, Ana Lucia Freitas nos tira da *cegueira* do leitor convencional e nos guia numa nova e reveladora leitura.

Segundo ela, a metáfora da cegueira generalizada reavalia a questão da visão como forma hegemônica de relação com o mundo, trazendo a possibilidade de um novo olhar menos individualista e mais solidário. “Entre a *cegueira* e a *lucidez*”, afirma Ana Lucia Freitas, “permanece como um *sonho possível*, a construção de novas relações com o conhecimento” que possam vir a ser usadas como princípio da solidariedade.

Em “Pedagogia do conflito: escola e democracia sob as lentes da sociologia das ausências”, Inês Barbosa de Oliveira traz a sociologia das ausências e a sociologia das emergências como base político-epistemológica para se pensar o projeto de Boaventura Santos. Pela sociologia das ausências seria possível dar visibilidade a saberes que antes eram desqualificados, ampliando

assim a possibilidade de democracia social. E, pela sociologia das emergências seria possível multiplicar as práticas reais desinvisibilizadas no presente, encolhendo o futuro e desidealizando-o.

O projeto educativo emancipatório lida com aprendizagens conflitantes, produzindo imagens desestabilizadoras capazes de formar subjetividades inconformistas. E, como diz o próprio Santos, a educação para o inconformismo tem que ser ela própria inconformista, procurando formar subjetividades inconformistas que seriam capazes de desnaturalizar o instituído e transformar a realidade social. Para Santos, a educação transformadora é aquela capaz de converter o processo de aquisição daquilo que se aprende mas não se ensina, ou seja, o senso comum.

Para Oliveira, “a ideia da sensocomunização da ciência ganha aqui um sentido político ampliado”, onde os saberes recebem significados reais. Os conteúdos escolares transformam-se em saberes práticos, ampliando os modos de ver o mundo, bem como os de intervir e agir sobre ele.

Santos apresenta três conflitos presentes na sociedade como centrais para o projeto educativo emancipatório e Oliveira reflete sobre eles, a partir “*da desinvisibilização dos saberes e práticas sociais desqualificados, subalternizados, descredibilizados pela modernidade*”.

O primeiro conflito, o do multiculturalismo, é analisado pela autora como alternativa ao imperialismo cultural. A partir da desinvisibilização e valorização das práticas culturais dos alunos, pode-se buscar uma “*equalização das relações entre as diferentes culturas e seus modos de estar no mundo*”.

O segundo conflito, que trata do conhecimento-emancipação, é o que tem, para a autora, a solidariedade como “*ponto de chegada da superação do colonialismo e, portanto, da monocultura do saber formal*”. Não há embate entre saberes, há uma aproximação da ecologia dos saberes.

O terceiro e último conflito é entre a aplicação técnica e a aplicação edificante da ciência. Oliveira ressalta que esse não é exatamente um conflito entre conhecimentos, mas sim uma das “*novidades epistemológicas*” de Boaventura Santos. Um pensamento sobre a superação do cientificismo, já que na modernidade pensava-se que os problemas sociais e políticos poderiam ser solucionados cientificamente. A autora formulou um quadro que facilita ao leitor a compreensão das possibilidades da aplicação edificante da ciência no debate político-científico-acadêmico. Importante destacar, como bem fez Oliveira, que “*o projeto educativo emancipatório não comporta aplicação técnica, apenas aplicação edificante*”.

Oliveira conclui, ressaltando que a “*realização do projeto educativo emancipatório passa, indubitavelmente, pela prática das sociologias das ausências e seu sucesso representa uma*

possibilidade de chegarmos a cada vez mais emancipação social, ou seja, a práticas crescentemente democráticas”.

Salete Campos de Moraes é uma das organizadoras do livro em pauta e autora de um de seus artigos, intitulado “Projetos emancipatórios para políticas em educação”. Para ela, as políticas públicas em educação têm sido formuladas sob o pilar da regulação e pensadas por especialistas que as estruturam de maneira hierarquizada e verticalizada. Mas ao contrário, para desenvolver a educação, dever-se-ia ter a participação efetiva de todos. Dessa forma, diz a autora, *“é possível conceber as políticas públicas, incluindo-se aí as políticas em educação, como expressões do contrato social celebrado entre Estado e sociedade civil”*. E, para Moraes, a formulação desse novo contrato social seria, de acordo com Santos, a grande exigência democrática de nosso tempo.

Através da ação rebelde estimulada por Santos, seria possível pensar numa nova relação entre Estado e sociedade, capaz de formular reais políticas públicas. A autora propõe para isso a criação de novos espaços, aos quais ela chama de *ágoras*, nos quais se formulariam políticas públicas.

Em seu artigo “Breves notas sobre um pensamento fecundo”, Maria Teresa Esteban trabalha sobre a tensão sucesso/insucesso escolar. Para ela, o chamado “fracasso escolar” é a evidência do *“conflito que se estabelece entre o anúncio da escola para todos e a impossibilidade de uma escola de todos, já que as classes populares são excluídas do direito ao seu reconhecimento e ao acesso ao conhecimento no transcurso da escolarização”*.

A pedagogia do conflito, para Esteban, é uma contribuição valiosa ao diálogo que neste momento se trava em busca da *“homogeneização dos processos e resultados escolares”*. Pode ajudar na discussão de *“procedimentos escolares que negam aos estudantes o acesso aos conhecimentos, não valorizam seus saberes ou não reconhecem sua capacidade de aprender e de produzir conhecimentos válidos”*.

Maria Teresa Esteban critica a padronização de resultados que exige de sujeitos de classes populares conhecimentos oficialmente esperados, fazendo-os esquecer seus próprios e significativos saberes. Daí surge o questionamento: *“como produzir uma escola comprometida com a aprendizagem e com os diferentes sujeitos e saberes, sem fazer da diferença justificativa para a assimetria, para a colonialidade, para a imposição de uma ordem, para a naturalização da desigualdade?”*

Através da sociologia das ausências a autora busca resgatar saberes invisibilizados pela epistemologia hegemônica, fazendo assim, emergir experiências sociais que estavam desperdiçadas através da sociologia das emergências.

“Na sociologia das emergências a ausência é de uma possibilidade futura ainda por identificar e de uma capacidade ainda não plenamente formada para levar a cabo” (Santos, 2006, p. 111). A partir daí, a autora propõe o *ainda-não-saber*, negando a absolutização do “saber” e do “não saber”. Dessa forma, ela acredita no *ainda* como um devir, uma possibilidade, que favorece novas possibilidades emancipatórias. Ela se baseia na ideia da incompletude e do conflito como processo de ampliação de possibilidades de aprendizagem no cotidiano escolar. A pedagogia do conflito viria, dessa forma, a ampliar os “diálogos entre as diferenças, potencializando as aprendizagens e o conhecimento em sua multiplicidade, confrontando as concepções de êxito fundadas na subalternização”.

“Quando um discurso sobre as ciências atinge a sala de aula” é o artigo de Maria Isabel da Cunha, no qual relata sua experiência e vivência acadêmica com a obra de Boaventura Santos e suas contribuições em todas as áreas do conhecimento.

Inicialmente, a autora observa que, no livro *Conhecimento prudente para uma vida decente* (Santos, 2004), dos artigos escritos por vários autores a convite do próprio Santos, nenhum deles tomou o campo da educação como referência. Segundo Cunha, isso retrata a “fragilidade epistemológica que o campo da educação tem tido no contexto das demais ciências humanas”.

A própria autora, entretanto, reconhece ser a educação (especialmente a escolarizada) um efetivo espaço de reprodução social e cultural concebida sob os parâmetros da modernidade. Segundo palavras da própria autora, “a escola, como conceito universal, é filha da modernidade” e, como tal, alicerçada em suas ideias.

A partir da vontade de transcender o esgotado paradigma da racionalidade, a primeira leitura de *Um discurso sobre as ciências* foi um impacto para Cunha, que descobriu ali as respostas aos seus questionamentos e preocupações. Ao que ela afirma: “A crítica ao paradigma da ciência moderna nos ajudou a delinear outras possibilidades de fazer ciência, incorporando as dimensões socioculturais e subjetivas na compreensão da realidade”.

Para auxiliar a teorizar as pesquisas que realizava na época com professores universitários, Cunha elaborou um quadro “Tendências paradigmáticas da ciência” (anexado ao seu texto) onde apresenta os indicativos da ruptura epistemológica, baseados no trabalho de Santos. Tomada pela rebeldia e ousadia sugerida pelo autor, pediu sua aprovação ao qual teve êxito. Santos aprovou o quadro criado por Cunha que o utiliza “para fazer progredir a teorização da relação entre prática pedagógica e pressupostos epistemológicos”.

Segundo Cunha, essa foi apenas uma das muitas contribuições dos pensamentos e ideias de Santos em sua trajetória intelectual e pessoal e confessa que o que a cativa em especial é “*sua condição de utopia, e o incitamento a pensar na alternativa a alternativa*”.

Em “Mosaicos de Conhecimentos-com em uma Comunidade Interpretativa de Professores Educadores Ambientais”, Rodrigo Launikas Cupelli e Maria do Carmo Galiuzzi apostam na ideia de “*conceber sentidos múltiplos para pensar e praticar os espaços formativos ou comunidades interpretativas, de Educação Ambiental*”.

Através de narrativas individuais e coletivas os autores procuraram reinventar o presente, produzindo *conhecimentos-com*, ao invés de *conhecimentos sobre*. O artigo é parte do resultado da dissertação de mestrado de Cupelli, para a qual foi formada uma comunidade interpretativa com quatro professores e educadores ambientais. Os resultados da pesquisa se tornaram quatro narrativas ficcionais que, reunidas, formaram o texto coletivo “Mosaico”, um painel formativo, onde estão registrados diversos olhares e saberes dessa comunidade.

Para os autores, a produção de narrativas do *ser professor educador ambiental*, interessa a outros professores também, já que o texto “*visa uma ação formativa, ou seja, se configura em práxis*”.

Como posfácio, José Clovis Azevedo contextualiza a formulação do texto de Boaventura Santos, base do livro agora lançado. Na época, ou seja, em meados da década de 90, eram vividos “*intensamente os dilemas epistemológicos e políticos decorrentes dos impactos das grandes transformações que estavam em curso*” e Azevedo descreve em detalhes o quadro político internacional e nacional. Resgatando uma das falas de Sousa Santos no ano de 1996 em Porto Alegre, na qual ele demarca a contradição entre o conflito e a repetição, Azevedo se questiona, e a nós leitores também, se ainda estamos colaborando para a repetição da estagnação e do imobilismo ou, como nos propôs Santos, lutamos pelo inconformismo e a rebeldia fomentados pelo conflito? Como, afinal, andar nossa capacidade de espanto e indignação?

A seguir, Azevedo descreve a experiência da administração popular da cidade de Porto Alegre como um “*projeto de resistência, na contramão dos avanços neoliberais no Brasil e no mundo*”. Na área da educação, o grande exemplo desse momento foi a criação do projeto Escola Cidadã, que procurou democratizar sua gestão, bem como o acesso ao conhecimento, através de intensa participação de pessoas interessadas numa educação emancipatória.

O projeto Escola Cidadã chamou a atenção da comunidade internacional, sendo, inclusive, alvo de análise de Michael Apple, que na ocasião destacou que Porto Alegre teria a “*possibilidade*

de ser a professora do mundo". E realmente teve, ao ser escolhida como sede do Fórum Social Mundial e do Fórum Mundial de Educação. Azevedo então brinca, dizendo que Porto Alegre não foi uma professora tradicional, mas uma educadora/educanda, no sentido freiriano do termo.

As ideias de Santos, juntamente com as de Paulo Freire (que na época difundia sua *pedagogia da esperança*), como bem nos lembra Azevedo, continuam fazendo eco até hoje. José Clóvis Azevedo finaliza, lembrando que restou a nós recuperar a capacidade de espanto e de indignação para que, através da rebeldia e do inconformismo, busquemos o resgate do projeto educativo emancipatório.

Contra o desperdício da experiência – a pedagogia do conflito revisitada, como pudemos perceber através desta visão geral, é uma obra importante e atual para o campo da formação de educadores. Em cada um dos artigos os autores buscam respostas para as questões dos tempos que vivemos e, retomando a obra de Boaventura Santos, se unem a ele na busca constante de experiências educativas emancipatórias.

Recebido e aprovado em outubro de 2010